

LIVRO ABERTO

A MINHA HISTÓRIA

DEMI
MOORE



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2020

CAP. DE AMOSTRA

Para minha mãe, minhas filhas e para as filhas das minhas filhas.

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

PRÓLOGO

A mesma pergunta insistia em minha mente: *Como cheguei até aqui?*

Agora eu estava completamente sozinha na casa vazia em que me casei, a qual ampliamos porque tínhamos mais filhos do que quartos. Estava com quase 50 anos. O marido que eu pensava ser o amor da minha vida tinha me traído e decidido que nosso casamento já não valia a pena. Meus filhos não falavam comigo: nenhuma ligação de feliz aniversário, nenhuma mensagem de feliz Natal. Nada. O pai deles — um amigo com quem contei por anos — sumiu da minha vida. A carreira que eu lutara para construir desde que saí da casa da minha mãe, com 16 anos, estava estagnada; talvez, tivesse chegado ao fim. Tudo ao que eu me agarrava — até a minha saúde — tinha me abandonado. Eu sofria de dores de cabeça lancinantes e perdia peso em uma velocidade assustadora. Minha aparência era semelhante à forma como me sentia: destruída.

Isso é a vida?, pensava. Porque, se é isso, a minha acabou. Não sei o que estou fazendo aqui.

Eu agia de forma mecânica, fazendo o que parecia necessário: alimentava os cães, atendia ao telefone. Um amigo fez aniversário e algumas pessoas vieram. Fiz o mesmo que os outros: inalei um pouco de óxido nítrico e, quando as articulações me forçaram a me afundar

no sofá da minha sala de estar, dei uma tragada na maconha sintética (chamada Diablo, apropriadamente).

A próxima coisa de que me lembro foi que tudo ficou embaçado e vi meu corpo de cima. Eu estava flutuando e vendo cores psicodélicas, e parecia que aquela era a minha chance: eu poderia deixar para trás a dor e a vergonha da minha vida. As dores de cabeça, o coração partido e a sensação de fracasso — como mãe, esposa e mulher — simplesmente evaporariam.

Mas a pergunta ainda martelava: *Como cheguei até aqui?* Depois de toda a sorte e sucesso que tive na vida adulta. Depois de toda a luta para sobreviver à minha infância. Depois de um casamento que começou parecendo mágico, com a primeira pessoa para a qual realmente tentei me mostrar por completo. Depois que, *finalmente*, fiz as pazes com o meu corpo e parei de passar fome e torturá-lo — travando guerras comigo mesma e usando a comida como arma. E, o mais importante, depois de criar três filhas e fazer tudo o que acreditava para me tornar a mãe que nunca tive. Toda esse esforço resultou em nada?

De repente, eu estava de volta ao meu corpo, convulsionando no chão, e ouvi alguém gritar: “Liguem para a emergência!”

Eu gritei: “Não!”, porque sabia o que viria a seguir: a ambulância, os paparazzi e o *TMZ* anunciando: “Demi Moore foi levada às pressas para o hospital, sob efeito de drogas!” E tudo isso aconteceu, como eu sabia que aconteceria. Mas ocorreu outra coisa que eu não esperava. Eu decidi parar — depois de uma vida fugindo — e me encarar. Fiz muito em cinquenta anos, mas não sei se os havia *vivido* de verdade, porque passei a maior parte do tempo ausente, com medo de estar em mim mesma, convencida de que não merecia as glórias e tentando, freneticamente, consertar os fracassos.

Como cheguei até aqui? Este livro aberto é a minha história.

PARTE I

SUSTENTAÇÃO

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

CAPÍTULO 1

Pode parecer estranho, mas lembro-me da época em que fiquei internada no hospital de Merced, Califórnia, quando tinha 5 anos, como um período meio mágico. Sentada no leito com minha camisola rosa felpuda, esperando as visitas diárias — médicos, enfermeiras, meus pais —, eu me sentia completamente confortável. Já estava lá havia duas semanas e estava determinada a ser a melhor paciente que eles já viram. Ali, no quarto limpo e iluminado, tudo parecia sob controle: havia rotinas confiáveis impostas por adultos. (Na época, havia um sentimento de admiração em torno dos médicos e enfermeiras: todos os reverenciavam, e estar no meio deles parecia um privilégio.) Tudo fazia sentido: eu gostava de saber que havia uma maneira de me comportar que gerava respostas previsíveis.

Fui diagnosticada com nefrose renal, uma patologia com risco de morte sobre a qual muito pouco se sabia — havia sido estudada apenas em alguns casos com meninos. Basicamente, é uma doença retentiva, caracterizada por uma falha do sistema de filtragem. Lembro-me de ter ficado aterrorizada quando meus genitais incharam, mostrei à minha

mãe e vi sua reação: puro pânico. Ela me colocou no carro e me levou às pressas para o hospital, onde fiquei por três meses.

Minha tia lecionava na quarta série, e toda a turma tinha feito cartões de melhoras em cartolina com giz de cera e marcadores, que meus pais me entregaram naquela tarde. Fiquei empolgada com a atenção — crianças mais velhas, as quais eu não conhecia. Mas, quando olhei para os cartões coloridos, vi o rosto dos meus pais. Pela primeira vez, senti o medo deles de que eu não superasse.

Estendi o braço, toquei a mão da minha mãe e disse: “Tudo vai ficar bem, mamãe.”

Ela era uma criança também. Tinha apenas 23 anos. Minha mãe, Virginia King, era uma adolescente de 45kg quando engravidou de mim, logo depois do ensino médio, em Roswell, Novo México. Ela era uma garotinha. Teve um trabalho de parto lancinante que durou nove horas que a deixou inconsciente no último minuto, pouco antes de eu vir ao mundo. Não foi a primeira experiência ideal de apego para nenhuma de nós.

Havia uma parte dela que não era lá muito pé no chão, o que significava que ela era capaz de pensar fora da caixa. Ela teve uma infância pobre, mas sua mentalidade era o oposto — não *pensava* como alguém desprovido de recursos financeiros. Queria que tivéssemos o melhor: nunca permitia marcas genéricas em casa — nem de cereal, manteiga de amendoim ou sabão em pó. Ela era generosa, expansiva, acolhedora. Sempre havia espaço para mais um na mesa. E acreditava em viver de um modo descontraído — sem se ater muito a regras.

Conforme crescia, via que Ginny era diferente — não se parecia com as outras mães. Posso imaginá-la no carro nos levando para a escola, fumando um cigarro e passando a maquiagem — perfeitamente — com a outra mão, sem sequer se olhar no espelho. Ela era muito bonita; atlética e trabalhara como salva-vidas no parque estadual de Bottomless Lakes, perto de Roswell. Também era surpreendentemente

atraente, olhos azuis brilhantes, pele pálida e cabelos escuros. Era meticulosa com sua aparência, não importavam as circunstâncias: em nossa viagem anual à casa da minha avó, fazia meu pai parar na metade do caminho para colocar os modeladores nos cabelos e deixá-los perfeitos quando chegássemos à cidade. (Minha mãe chegou a cursar estética, embora não tenha seguido carreira.) Ela não era um ás da moda, mas tinha um instinto para combinar o visual. Sempre procurava o que era glamouroso — ela tirou meu nome de um cosmético.

Ela e meu pai eram um par magnético e sabiam se divertir; sempre encantavam os outros casais. Meu pai, Danny Guynes, que não era nem um ano mais velho que minha mãe, sempre teve um brilho astucioso nos olhos, com um ar de que tinha um segredo que instigava a curiosidade alheia. Ele tinha uma boca bonita, dentes brancos e brilhantes contrastando com a pele morena, parecia um Tiger Woods latino. Era um aventureiro encantador, com um baita senso de humor. Nada monótono. O tipo de cara que vive no limite — sempre se safando de alguma coisa. Era muito machão, páreo para o irmão gêmeo, que era maior e mais forte e se tornara fuzileiro naval, mas ele foi rejeitado por causa do estrabismo, que também tenho. Era a especificidade que compartilhávamos; para mim, significava que víamos o mundo da mesma forma.

Ele e o irmão gêmeo eram os mais velhos de nove filhos. Sua mãe, que era de Porto Rico, cuidou de mim por uns tempos quando eu era bebê. Ela morreu quando eu tinha 2 anos. Seu pai era irlandês e galês, cozinheiro da Força Aérea e alcoólatra irremediável. Ficou conosco quando eu era criança, e lembro que minha mãe não me deixava ir sozinha com ele ao banheiro. Mais tarde, houve boatos de abuso sexual. Como eu, meu pai foi criado em uma casa cheia de segredos.

Danny se formou em Roswell High um ano antes de Ginny, e, quando foi para a faculdade, na Pensilvânia, ela ficou insegura — ainda mais quando descobriu que ele tinha uma “colega de quarto”. Então, adotou a postura que manteve durante todo o relacionamento quando

se sentia ameaçada: começou a sair com outro cara para deixá-lo com ciúmes. Ela ficou com Charlie Harmon, um jovem bombeiro cuja família se mudara do Texas para o Novo México. Ela até se *casou* com ele, embora tenha durado pouco, pois o romance teve o efeito desejado: papai voltou correndo. Ela se divorciou de Charlie, e meus pais se casaram em fevereiro de 1962. Nasci nove meses depois. É o que sei.

QUANDO AS PESSOAS OUVEM “caso de ufologia de Roswell”, pensam em homenzinhos verdes, mas ninguém falava sobre OVNIIs na minha casa. A Roswell da minha infância era uma cidade militar. Tínhamos a maior pista de pouso dos EUA (serviu como pista de apoio para o ônibus espacial), na base Walker Air Force, que fechou no final dos anos 1960. Além disso, havia pomares de nozes, campos de alfafa, uma loja de fogos de artifício, uma fábrica de empacotamento de carne e uma da Levi’s. Estávamos enredados em Roswell, parte do tecido da comunidade. E nossas famílias estavam entrelaçadas, tanto que minha prima DeAnna também é minha tia. (Ela é sobrinha da minha mãe e se casou com o irmão mais novo do meu pai.)

Mamãe tinha uma irmã muito mais nova, Charlene — que chamamos de Choc —, que foi líder de torcida na escola. Ginny assumiu a função de supervisora e eu me tornei a mascote mirim do time. Ela levava a equipe toda ao drive-in, escondendo as meninas no porta-malas do seu carro, onde todas se amontoavam em uma pilha de risos. Eu me sentia como uma das garotas crescidas — com suas artimanhas. Elas me vestiam com um uniforme combinando e Ginny arrumava meu cabelo. Nas competições escolares, eu era a grande revelação: correndo com minha roupinha azul-pólvora, completando a apresentação com a marca registrada que me ensinaram, o clássico gesto obsceno com o dedo do meio. Foi meu primeiro contato com a arte, e me diverti em cada segundo. Adorava ver o quanto isso deixava minha mãe feliz.

Naquela época, meu pai trabalhava com publicidade para o *Roswell Daily Record*. De manhã, deixava para minha mãe um maço de cigarros e uma nota de dólar, que ela gastava na loja da esquina para comprar uma Pepsi grande, a qual fazia durar o dia inteiro. Meu pai foi forçado ao sucesso: dava um duro danado, mas também perdia a linha — às vezes, além dos limites. Saía para farrear com um dos meus tios, e eles faziam o tipo bebedores briguentos. (Lembre-se: eles só tinham 20 anos.) Não era incomum que meu pai voltasse para casa muito machucado depois de alguma confusão. Ele adorava brigar e adorava ver as pessoas brigando. Quando eu era bem pequenininha, meu pai me levava para assistir a lutas de boxe locais. Lembro-me de ter cerca de 3 anos e estar de pé em uma cadeira olhando para o ringue. Perguntei ao meu pai: “Para qual cor de calção eu torço?”, vendo dois homens se esmurrarem. Esse era o nosso momento de união.

Meus pais não eram muito afeitos à verdade, por assim dizer, mas acho que papai sentia prazer em engambelar os outros. Por exemplo, ele ia pagar uma conta e dizia ao cara do caixa: “Vamos apostar, o dobro ou nada.” Era seu lado jogador, sempre procurando se safar do que podia. Eu não entendia bem a situação, mas a imprudência dele me deixava ansiosa. Minha guarda estava sempre levantada, alerta, esperando alguém ficar com raiva. Tenho uma vaga lembrança de um homem que apareceu em nossa casa, batendo na porta, quando eu tinha 4 anos, e de como fiquei aterrorizada por não saber o que estava acontecendo ou o motivo, mas sentindo o medo no ar. Provavelmente, era alguém que meu pai havia enganado. Ou talvez ele tenha dormido com a esposa do cara.

Eu tinha quase 5 anos quando meu irmão, Morgan, nasceu, e logo quis protegê-lo. Eu sempre fui mais forte que ele. Agora, ele é um cara grandão — tem 1,90m — e forte, mas era pequeno quando criança, e tão delicado que pensavam que ele era uma menina. Ele era um bebê agitado, e mamãe era conivente: “Dê ao bebê o que ele quiser!” era sua mantra. Lembro-me de que, em uma longa viagem para visitar minha

tia em Toledo, quando Morgan tinha cerca de 2 anos, meus pais, no banco da frente, me passaram uma garrafa de cerveja, que fui dando a ele até chegarmos ao nosso destino, como se fosse mamadeira. Nem preciso dizer que, quando saímos do carro, ele já tinha parado de gritar.

Não estou dizendo que eu era a irmã perfeita — apelidei Morgan de “*Butthole*” [algo como “c*zão”] (meu passatempo preferido era torturá-lo prendendo-o, peidando na mão e colocando no seu nariz). Mas, desde o início, ficou claro que eu precisava cuidar dele — de nós dois, na verdade, porque nossos pais não eram exatamente protetores. Uma vez, quando Morgan tinha 3 ou 4 anos, ele estava de pé no encosto do sofá, olhando pela janela e pulando, e me lembro de dizer para minha mãe: “Ele vai cair e se machucar!”, e foi assim que aconteceu, óbvio. Tentei pegá-lo, mas era muito pequena. Amorteci a queda dele, mas não deu para impedi-lo de abrir a cabeça na mesa de café. Foi como uma cena de um filme: minha mãe pulando e gritando: “Não se mexa!”, envolvendo a cabeça sangrando em uma toalha para levá-lo ao hospital. Ele fraturou o crânio e, por um longo tempo, depois que o costuraram, ele parecia o Frankenstein.

Logo depois que ele nasceu, saímos de Roswell e fomos para a Califórnia, a primeira de uma série de mudanças que marcaram nossa infância. Minha mãe descobriu que meu pai estava tendo um caso; então, fazia o que aprendeu com a mãe dela para quando o marido pula a cerca: afastava-o do “problema”. Não ocorria às mulheres da minha família que, se você levasse seu marido traidor com você, o problema a acompanharia aonde quer que fosse.

Para a maioria das pessoas, só a ideia de se mudar já é um grande passo. Tudo tem que ser alterado; é preciso encontrar um novo lugar; há o aborrecimento e o estresse de reformular a vida e encontrar novo médico, lavanderia, supermercado — sem mencionar que seus filhos vão para novas escolas e precisam descobrir a rota do ônibus, e assim por diante. Demandaria muita reflexão, preparação e planejamento.

Não era assim com a gente. Meu irmão e eu calculamos que, durante toda a infância, frequentamos pelo menos duas novas escolas por ano, e, muitas vezes, até mais. Demorei muito para perceber que este não era o padrão de todo mundo. Quando ouço pessoas falarem que têm os mesmos amigos desde a infância, nem consigo imaginar como é.

Não éramos preparados para lidar com as mudanças. Sentíamos que algo estava acontecendo, como se um plano estivesse sendo traçado, e a próxima coisa que eu sabia é que pegaríamos a estrada em um veículo em tons de terra como muitos que nossos pais tiveram ao longo dos anos: o Maverick ferrugem, o Pinto marrom, o Ford Falcon bege. (Eram novinhos em folha, exceto o estimado Chevy Bel Air azul-bebê 1955 do meu pai.) As mudanças sempre nos eram apresentadas como uma necessidade: papai era tão bom no que fazia — e *era* — que precisavam dele em outro jornal, em outra cidade. Nosso dever era apoiá-lo. Naqueles primeiros anos, mudar não parecia grande coisa nem algo difícil. Então, era exatamente o que fazíamos.

FUI HOSPITALIZADA por causa dos rins pela segunda vez com 11 anos, e, coincidentemente ou não, logo após um dos casos do meu pai. É claro que, na época, eu não entendia o que era uma traição, mas me pergunto se as crises nos rins não eram a forma de o meu corpo expressar o que acontecia em nossa casa. Foi paliativo, mas, pelo menos por um tempo, colocou o foco de volta em nossa família.

Ironicamente, naquele momento, as coisas pareciam estar extraordinariamente no lugar: havíamos voltado para Roswell alguns anos antes, e foi como voltar para casa. Morávamos em uma linda casa de fazenda de três quartos. Eu tinha meu próprio quarto, com uma cama de dossel rosa e uma colcha combinando. Morgan dividia o quarto com o irmão mais novo do meu pai, George. (Ele morava conosco desde que eu tinha 5 anos — por mais itinerantes que meus pais fossem, o acolheram sem hesitar quando minha avó paterna morreu, e ele não

tinha outro lugar para ir. Era como um irmão mais velho.) Fizemos amizade com as quatro crianças que moravam do outro lado da rua e circulávamos entre as duas casas sem problemas — foi a primeira vez que ficamos em um lugar por tempo suficiente para fazer amigos dos quais me lembro.

Certo dia, eu estava voltando da escola quando senti um calor estranho se espalhando pelo meu corpo. A pele da minha barriga e das minhas bochechas se apertou. Corri para o banheiro e abaixei as calças para ver meu “biscoito”, mas dessa vez eu estava toda inchada.

No Hospital Católico de St. Mary, em Roswell, fui cercada por freiras. Logo me habituei à rotina familiar: elas mediam minha produção de urina e coletavam meu sangue duas vezes por dia — como foi antes de inventarem aqueles pequenos acessos venosos, precisavam enfiar uma agulha nova nas minhas veias a cada vez. Mas, mesmo com as cutucadas e picadas, eu ficava à vontade, sabia que estava sendo cuidada.

Por acaso, na mesma época, Morgan teve que operar uma hérnia, e nos colocaram no mesmo quarto. Eu era a especialista em vida hospitalar e, de qualquer maneira, sua irmã mais velha: enquanto ficássemos naquele quarto, eu estaria no comando. (Porém, discutíamos sobre o canal a que assistiríamos, e isso foi antes dos controles remotos, então, para trocar, precisávamos chamar a freira. Morgan não se importava — tinha 6 anos —, mas eu não queria perder o status de melhor paciente do mundo. Quando ele melhorou, não fiquei triste ao vê-lo partir.)

Quando voltei para a escola, eu ainda precisava testar minha urina regularmente, e era retirada da aula para ir à sala do diretor, para que eles garantissem que eu comesse meu lanche. Estava tão cheia de corticoides que um colega de classe perguntou se eu era irmã da Demi.

Eu não me sentia especial como no hospital; me sentia envergonhada e diferente. Não queria que as pessoas me vissem daquele jeito.

Cheguei a ficar aliviada quando nossos pais disseram que nos mudaríamos de novo. Descobri mais tarde que minha mãe encontrou um pentelho ruivo na cueca do meu pai enquanto lavava a roupa, e, depois que eles brigaram, chegaram à fatídica conclusão de que havia apenas uma coisa a fazer: mudar. Mais longe do que o habitual dessa vez, para o outro lado dos Estados Unidos: Canonsburg, na Pensilvânia.

Aquele foi um grande passo. Nossos pais se sentaram conosco e nos prepararam, o que mudou o tom da coisa toda. E daquela vez seria até com caminhão de mudança. Lembro-me de enchê-lo com nossas camas, o sofá verde, as perdizes de cerâmica de mamãe e a mesa de café em que Morgan bateu a cabeça. Quando terminamos de fazer as malas, não achamos que havia espaço suficiente para todos nós na cabine do caminhão. Minha mãe falou meio brincando para eu me sentar no chão do carona, aos pés dela. Aceitei a oferta. Foi divertido: estendi um cobertor e um travesseiro e fiz minha própria caverna. Foi uma viagem muito longa, prolongada por uma nevasca tão forte que papai teve que encostar, porque não via a estrada. Fiquei perto do aquecedor, então me sentia confortável e segura.

CANONSBURG ERA MUITO diferente, em termos culturais, do Novo México e da Califórnia. Éramos uma típica família sulista, e Canonsburg era bem ao norte. (O sotaque de minha mãe sempre foi forte, mudar nunca o suavizou; Morgan fazia uma ótima imitação dela pedindo “uma Coca grande e um borito”, ou seja, um *burrito*.) Foi particularmente difícil para o meu irmão, que era mais introvertido e muitas vezes sofria provocações. Eu era mais durona, mais briguenta. Meu mecanismo de enfrentamento era vasculhar todas as situações novas como um detetive: Como isso funciona aqui? Pelo que as pessoas se interessam? Quem são meus possíveis aliados? Do que devo ter medo?

Quem detém o poder? E, claro, o grande problema: Como posso me encaixar? Eu tentava decifrar o código, descobrir o que tinha que fazer, e dominá-lo. Essas habilidades se tornariam essenciais mais tarde.

Ficamos em um complexo de moradias em uma área montanhosa, com um lago que congelava no inverno, o que significava patinar no gelo. Morgan aprendeu a andar de bicicleta. Eu tinha 11 anos e adorava ginástica, e estava à beira da puberdade. Estava desesperada para ter seios; toda noite, deitava na minha cama e rezava para tê-los logo.

Eu não era mais criança, mas minha mãe insistia em que ainda precisávamos de uma babá; não confiava em mim para cuidar de Morgan sozinha. Ela contratou a irmã mais velha de uma das minhas colegas de classe — vamos chamá-la de Corey —, que era muito mais desenvolvida e madura do que eu. Fiquei de mau humor quando ela chegou, evitando-a. Na manhã seguinte, Corey reforçou a humilhação, falando alto no ônibus escolar: “Demi ainda precisa de babá.”

Ainda sinto o calor da vergonha correndo meu corpo. Fiquei furiosa por minha mãe ter me colocado naquela posição. Lembro-me de me sentir tão exposta que pensei que seria possível até morrer.

Eu não deixaria isso definir minha passagem pelo Canonsburg Elementary. Não precisava de babá. Precisava de um namorado.

Escolhi o mais atraente da classe: um loiro de olhos azuis com cabelos desgrenhados chamado Ryder. E, em muito pouco tempo, dei a volta por cima, desfilando pela escola segurando a mão dele. O que foi incrível — por um período.

ENQUANTO EU LIDAVA com o início da adolescência, o casamento dos meus pais se desfazia. Nunca soube qual foi o catalisador do rompimento em Canonsburg, mas as coisas começaram a desmoronar naquela primavera.

Uma noite, quando meu pai estava sentado na cozinha, com o habitual fardo de cerveja Coors, ouvindo James Taylor, decidiu limpar sua arma. Lembro-me de como ele estava naquela noite, quando bebia, seu estrabismo se acentuava, e sua aparência parecia vidrada. Ele não percebeu que havia uma bala na agulha. Quando disparou, abriu um buraco na parede, e a bala raspou em sua testa. Foi sangue para todo lado. Depois que a bagunça foi arrumada, minha mãe riu, mas, por dentro, tenho certeza de que ficou aterrorizada. Está além do meu entendimento pensar em alguém se embebedando com uma arma carregada em uma casa com crianças correndo pelos arredores.

Outra noite, naquela primavera, acordei com o som de vozes angustiadas e comoção. Fui ao quarto dos meus pais, onde encontrei minha mãe se debatendo e chorando enquanto meu pai lutava para segurá-la. Ao lado da cama, vi um frasco de comprimidos amarelos. “Me ajuda!”, ele gritou quando me viu na porta. Andei em direção a eles em transe, sem saber — mas, de alguma forma, sabendo — o que eu estava testemunhando: minha mãe tentando se matar.

A próxima coisa de que me lembro é de usar meus dedos, os pequenos dedos de uma criança, para tirar de sua garganta as pílulas que ela tentou engolir, enquanto meu pai a segurava e me orientava. Algo muito profundo dentro de mim mudou desde então. De vez. Minha infância tinha acabado. Qualquer sensação de que eu poderia contar com qualquer um dos meus pais se evaporou. Naquele momento, com os dedos na garganta da minha mãe suicida, que se agitava como um animal selvagem, e ouvindo meu pai gritando instruções para mim, deixei de ser alguém de quem eles pelo menos *tentavam* cuidar para ser alguém que esperavam ajudá-los a lidar com o próprio caos.